

A sintaxe da elipse de VP em português brasileiro

Sabrina Casagrande¹

¹Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

sabrina_casagrande@yahoo.com.br

Resumo. *Este trabalho investiga as condições de licenciamento da elipse de VP em PB, contrastando com o PE, especialmente em casos envolvendo perífrases verbais. Cyrino & Matos (2002) e Cyrino (2006) argumentam que o núcleo funcional que licencia a elipse de VP em PE e PB é diferente; em PE seria TP, enquanto em PB seria AspP. Testes de julgamento de preferência e interpretação foram aplicados a falantes do PB e mostraram que há diferenças entre os julgamentos de elipse de VP testados e os apresentados nos dois trabalhos. A previsão que faço, a partir dos dados, é que, em perífrases verbais, não envolvendo os auxiliares prototípicos como ser e estar, apenas quando AspP é lexicalmente preenchido, no espírito da proposta de Cyrino & Matos (2007), é que a elipse de VP é licenciada. A hipótese decorrente é, então, que falantes do PB não aceitam ou consideram degradadas sentenças com elipse de VP em que apenas o verbo auxiliar licencia a elipse; o licenciamento se daria apenas na presença dos verbos auxiliar e pleno que constituem a perífrase.*

Palavras-chave: elipse de VP; perífrases verbais; condições de licenciamento

Resumen. *Este trabajo investiga las condiciones de licenciamiento del elipsis de VP en PB, contrastándolo con el PE, especialmente en casos que involucran perífrasis verbales. Cyrino y Matos (2002) e Cyrino (2006) argumentan que el núcleo funcional que permite el elipsis de VP en PE y PB es diferente; en PE sería TP mientras que en PB sería AspP. Se aplicaron testes de juicio de preferencia e interpretación a hablantes de PB y tales testes mostraron que hay diferencias entre los juicios de elipsis de VP examinados y los testes presentados en los dos trabajos. La previsión que hago, a partir de los dados, es la de que, en perífrasis verbales que no involucran los auxiliares prototípicos como ser y estar, tan sólo cuando AspP está léxicamente relleno, en el espíritu de la propuesta de Cyrino & Matos (2007), es cuando el elipsis de VP es permitido. La hipótesis que se sigue es, entonces, que hablantes de PB no aceptan o consideran degradadas sentencias con elipsis de VP en las que tan sólo el verbo auxiliar permite el elipsis; la permisión se daría tan sólo en presencia de verbos auxiliares y plenos que constituyen la perífrasis.*

Palabras-clave: elipsis de VP; perífrasis verbales; condiciones de licenciamiento

1. Introdução

Este trabalho investiga questões pertinentes ao fenômeno da elipse de VP em português brasileiro (daqui em diante PB), especialmente nos casos envolvendo perífrases verbais, contrastando com as características desse mesmo fenômeno em português europeu (daqui em diante PE). Para tanto, lanço mão dos dados discutidos por Cyrino & Matos (2002) – daqui em diante C&M –, Cyrino (2006), além de testes de julgamento de interpretação e preferência aplicados a falantes adultos de PB.

O objetivo de tal estudo é analisar padrões de ocorrência de elipse de VP em perífrases verbais, comparando dados discutidos por C&M com os resultados obtidos por testes aplicados a falantes adultos do PB, além de apresentar uma análise para elipse de VP em perífrases com verbos auxiliares como “vir”, “ter” e “andar”.

A análise desses dados tendo em vista algumas hipóteses para a elipse de VP – em especial Zocca (2003) e Merchant (2001) – mostraram que tais hipóteses parecem não dar conta do que temos em PB, o que me levou a sugerir uma proposta para esses dados que se baseia em Cyrino & Matos (2007) e indica que a elipse de VP em casos de perífrases verbais só é possível (ou não apresenta degradação) quando tanto o verbo auxiliar quanto o verbo pleno (principal) estão presentes no local da elipse, licenciando a sua ocorrência em PB.

O trabalho está dividido no que segue: na seção 2 avaliarei algumas propostas para elipse de VP diante de alguns dados que foram testados. Na seção 3 apresento a proposta para esses dados. A seção 4 encerra este artigo.

2. Avaliando algumas propostas para elipse de VP

Nessa seção procuro discutir três propostas de análise para elipse de VP tendo como base dados de julgamento de interpretação, preferência e gramaticalidade obtidos por meio de testes aplicados a falantes adultos do PB. O que mostrarei é que essas propostas parecem não dar conta da elipse de VP (ou a impossibilidade dela em alguns casos) em perífrases verbais, encaminhando a discussão para a seção 4, quando esboçarei uma proposta para esses casos.

2.1. Cyrino & Matos (2002)¹

Cyrino & Matos (2002) e Cyrino (2006) apontam como característica do português, em oposição a outras línguas românicas, a possibilidade de ocorrência de elipse de VP, como temos em (1):

(1) A Ana não leva o computador para as aulas porque os amigos também não levam [-]

[-] = o computador para as aulas.

¹ Neste artigo o que estou chamando de auxiliar perfeito, progressivo e passivo diz respeito, respectivamente, àqueles auxiliares que selecionam formas verbais participiais (Maria tem **comido** frutas), gerundivas (Maria está **comprando** casas para alugar) e participiais de passivas (o carro foi **comprado** pelo João)

Apesar de ambas as variedades coincidirem em alguns aspectos, existem particularidades que distinguem elipse de VP nas duas variedades. Segundo as autoras, as diferenças se tornam explícitas quando a elipse de VP envolve perífrases verbais. Estas diferenças, segundo elas, estão nas perífrases que envolvem um auxiliar passivo (2) ou progressivo (3):

- (2) a. O carro foi atribuído à Maria, mas os outros prêmios não foram atribuídos [-] **PB**
[-]= à Maria
- b. ??O carro foi atribuído à Maria, mas os outros prêmios não foram atribuídos [-] **PE**
[-]= à Maria
- c. [-]= a ninguém **PE**
- (3) a. Ela está lendo livros às crianças, mas ele não está lendo [-]. **PB**
[-]= livros às crianças
- b. ??Ela está a ler livros às crianças, mas ele não está a ler [-]. **PE**
[-]= livros às crianças
- c. [-]= nada **PE**

(2b) e (3b) são marginais em PE, sendo privilegiada uma leitura não de elipse de VP, mas de objeto nulo indefinido, como temos nas opções em (c). Ao contrário, ainda segundo a análise das autoras, PB apresenta interpretação de elipse de VP nos casos envolvendo os auxiliares passivo e progressivo, como temos em (a).

Já nos casos em que apenas o auxiliar é manifesto, os julgamentos são próximos nas duas variedades, como temos em (4):

- (4) a. O carro não foi atribuído à Maria, mas os outros prêmios foram [-] **PE/PB**
[-]= atribuídos à Maria
- b. A Ana está a ler os livros às crianças e a Maria também está [-] **PE**
[-]= a ler os livros às crianças
- c. A Ana está lendo os livros às crianças e a Maria também está [-] **PB**
[-]= lendo os livros às crianças

Nos casos em que há um auxiliar perfeito envolvido na elipse, tanto na presença, quanto na ausência do segundo verbo, as autoras indicam que se consegue obter a interpretação de elipse de VP tanto em PE quanto em PB:

(5) a. Ela tem lido livros às crianças, mas ele também tem [-]

[-]= lido livros às crianças

b. Ela tem lido livros às crianças, mas ele também tem lido [-]

[-]= livros às crianças.

C&M (*op.cit.*:188) dizem que o que (5b) mostra é que “a inclusão do verbo principal em seqüências verbais não é um fator que leva à obtenção da leitura de objeto nulo, caso contrário não receberia a interpretação de elipse de VP. Então, hipotetizamos que o que realmente permite ou exclui a interpretação de elipse de VP é a projeção funcional diante da qual o elemento verbal está em Spell-Out”.

Em suma, o que essa conclusão das autoras quer indicar é que, em casos como aqueles envolvendo os auxiliares passivo e progressivo, em que o verbo pleno (principal) é preenchido, a explicação para a leitura de elipse de VP em PB e não em PE está relacionada ao fato de que em PE somente TP pode licenciar a seqüência elíptica, enquanto em PB esse licenciamento pode ser feito também por núcleos funcionais abaixo de TP, no caso AspP (que abrigaria o gerúndio selecionado pelo auxiliar progressivo e o particípio selecionado pelo auxiliar passivo). Nos casos em que temos apenas o auxiliar manifesto, as interpretações de elipse de VP são mantidas tanto em PE quanto em PB, o que mostra a possibilidade dos dois núcleos funcionais licenciarem a elipse de VP em PB, ao contrário do PE, que só aceitaria leitura de VP elidido quando o verbo principal (lexical) não estiver preenchido.

C&M (*op.cit.*) e Cyrino (2006) apontam ainda uma segunda diferença entre as duas variedades, que está relacionada à diversidade de posicionamento do advérbio *também* nas seqüências verbais que licenciam a elipse de VP em frases coordenadas pois “veiculam explicitamente a identidade do conteúdo predicativo a ser elidido” (Cyrino, 2006:13). Os exemplos mostram que o PE é, segundo Cyrino e Cyrino & Matos, muito mais restritivo que o PB quanto à colocação do advérbio *também*, conforme (6b):

(6) a. João fez isso antes de a Maria *também* ter feito [-]. (PE/ PB)

b. O João fez isso antes de a Maria ter *também* feito [-]. (??/* PE/ PB)

c. O João fez isso antes de a Maria ter feito [] *também*. (? PE/ PB)

O que os contrastes sugerem é que “em PE a posição preferencial de *também* é c-comandando e precedendo toda a seqüência verbal formada por auxiliares e verbos principais de forma a indicar, através de seu escopo, o início da seqüência da elipse” (Cyrino, *op.cit.*).

Segundo Cyrino, a seqüência verbal constitui um complexo verbal que, em PE, é formado por reestruturação² e que é quebrado quando *também* intervém entre os dois verbos, o que não ocorre em PB, já que aparentemente não haveria reestruturação, o que significa que os verbos que compõem a seqüência verbal possuem mais autonomia.

Segundo C&M e Cyrino, estudos sobre a sintaxe das seqüências verbais em PE têm enfatizado que há uma escala de gradação entre os auxiliares nessa língua. O auxiliar do tempo perfeito (*tem mostrado, tem comido*) seria o auxiliar prototípico e a maioria dos outros auxiliares sendo melhor caracterizados como verbos defectivos que, em certos aspectos, agem como verbos principais, selecionando projeções sentenciais não-finitas como complementos. Segundo Cyrino (*op.cit.*), uma representação adequada dos verbos auxiliares em PE “deveria capturar a idéia de Ross de que eles se originam como verbos principais. Assim, assume-se que eles são núcleos de suas próprias projeções VP e podem selecionar projeções defectivas de sentença, incluindo TP”, como em (7) para o auxiliar progressivo:

(7) a. Ele está a contar-lhe estórias

b. Ele [TP está [VPaux t [PP/AspP [P/Asp a [TP contar-lhes histórias]]]].

Mas, segundo mostra a autora, há uma construção em PE em que modal e aspecto progressivo agem da mesma forma que o auxiliar do perfeito: selecionam complementos diferentes de TP (e nesse caso ocorre a subida do clítico):

(8) a. Ele tem-lhes contado estórias (a eles)

b. Ele não lhes pode contar estórias

c. Ele não lhes está a contar estórias

Nesse caso, há um único domínio de T, como temos em (9) e (10), e um complexo verbal é formado, exibindo propriedades geralmente atribuídas, segundo Cyrino, a domínios verbais reestruturados:

(9) a. Ele tem contado estórias aos miúdos

b. Ele [TP tem [VPaux t [AspP – PerfP contado [VP ... [v t] estórias aos miúdos]]]

(10) a. Ele não lhes está a contar estórias

b. Ele [TP está [VPaux t [AspP [Asp a] [VP ... contar-lhes histórias]]].

² Reestruturação é um termo aplicado a estruturas em que certos verbos e seus complementos (em perífrases verbais como temos em (6)) parecem comportar-se como uma unidade sintática (como temos em Gonçalves & Matos (2007), por exemplo)

Quando a elipse de VP ocorre, percebe-se que não é possível desfazer esse complexo verbal, o que, segundo Cyrino, indica que há uma única posição de T candidata ao licenciamento de VP:

(11)Q: - Alguém tem lido livros às crianças?

- a. – Tem a Maria [-].
- b. – Tem lido a Maria [-]
- c. ?? – Tem **a Maria** lido [-]

(12)Q: - Alguém está a ler livros às crianças?

- a. – Está a Maria [-]
- b. – Está a ler a Maria [-]
- c. ?? – Está **a Maria** a ler [-]

Dessa forma, Cyrino argumenta que em PE é T⁰ que licencia a elipse de VP.

Considere agora o PB. Segundo as autoras, se assumirmos essa mesma análise, vemos que T⁰ se candidata como licenciador de elipse de VP:

(13) a. Ela tem lido livros às crianças mas ele também tem lido [-] (PB=PE)

[-] = [VP t [v lido] [livros] [às crianças]]

- b. Ela está lendo livros às crianças mas ele não está lendo [-] (PB)
- c. O carro foi atribuído à Maria mas os outros prêmios não foram atribuídos [-] (PB).

Segundo elas, nesse caso esperaríamos também (assim como em PE) a subida do clítico, o que não ocorre, conforme temos em (14) e (15)³⁴:

- (14) a. Ele tem, creio, te lido essas estórias.
- b. Ele está, creio, te lendo essas estórias
- c. Esses presentes foram, creio, te dados em criança

³ Segundo o que discutem Gonçalves & Matos (2007), um indício de que não há reestruturação em um determinado complexo verbal é a possibilidade da interposição de uma sentença parentética sem interromper a adjacência verbal.

⁴ Lembramos que esse tipo de teste só vale para aqueles falantes cujo dialeto ainda mantém o clítico acusativo de segunda pessoa.

- (15) a. *Ele te tem lido essas estórias.
b. *Ele te está lendo essas estórias
c. *Esses presentes te foram dados em criança

Segundo C&M (2002: 190), o contraste entre as sentenças em (14) e (15) sugere que o complexo verbal não está em jogo nas seqüências verbais em PB, caso contrário *Clitic Climbing* estaria disponível (o que não ocorre, como vemos em (15)).

Observando também o fenômeno da negação sentencial, segundo C&M, assumindo que assim como em PE esta negação em PB está correlacionada com a presença de T, os exemplos em (16) sugerem que a projeção funcional selecionada por um verbo auxiliar em PB é diferente de TP:

- (16) a. *Ele tem não visto os filmes da semana
b. *Ele está não vendo os filmes da semana
c. *Esses filmes foram não vistos por Maria

C&M (*op.cit.*: 191) afirmam que “sendo assim, adotaremos a visão de que auxiliares perfeito, progressivo e passivo selecionam projeções funcionais diferentes de TP, (...) como conseqüência temos que admitir que em português brasileiro clíticos e elipse de VP poderiam ser licenciados por núcleos funcionais distintos de T⁰” como temos em (14), (13b) e (13c), uma vez que a interpretação de elipse de VP, segundo as autoras, se mantém, nesses casos, para o PB (diferentemente do PE)

Dessa forma, em PB, os núcleos aspectuais de (13b) e (13c) estão envolvidos no licenciamento da elipse de VP. “Em outras palavras, a diferença entre PE e PB é que o licenciador da elipse na primeira é sempre T⁰, mas em PB pode ser Asp” (Cyrino, 2006: 15). Ainda segundo Cyrino, essa hipótese é corroborada pelos fatos relacionados à distribuição do advérbio *também*, como vimos acima.

A conclusão da autora é a seguinte. Assumindo, de acordo com Cinque (1999), que *também* é um advérbio focalizador e que esse tipo de advérbio seleciona como complemento diferentes tipos de projeções, pode-se explicar os contrastes de aceitabilidade com o advérbio intervindo entre os dois verbos da seqüência verbal em PE; “o auxiliar + o verbo principal formam um complexo verbal cujo núcleo é T⁰” como vimos, o licenciador da elipse. A interposição de *também* quebra esse complexo, e a interpretação da elipse de VP é perdida” (Cyrino, *op.cit.*). Ao contrário, como em PB a interpretação da elipse de VP é mantida mesmo com a interposição do advérbio entre os verbos, o licenciador da elipse de VP é, então, um núcleo abaixo de *também* – abaixo de TP, ou seja Asp⁰.

Partindo dessa discussão e de dados de C&M (2002) e Cyrino (2006), alguns testes para julgar preferência, interpretação e agramaticalidade de sentenças foram

aplicados. Abaixo discuto esses dados, comparando-os com os dados das autoras. Para a análise estou supondo a estrutura simplificada que está em (17):

(17) [CP[TP V_{auxj} [VP_{aux} t_j [AspP (PerpP/GerP/ProgP)⁵ V_i [VP t_i]]]]]

Nessa estrutura, o verbo auxiliar se moveria para T⁰ e o verbo pleno (principal) se moveria para Asp⁰. Assim, quando me referir à lexicalização de TP e AspP, isso significa que os verbos auxiliares e principal estarão, respectivamente, realizados no núcleo de TP e AspP⁶.

Primeiramente quero voltar aos contrastes indicados pelas autoras em (2) e (3), casos envolvendo perífrases verbais com auxiliares progressivo e passivo. Segundo C&M, enquanto em PE a interpretação de elipse de VP é perdida, tal interpretação é possível em PB. Isso se daria pelo fato de que em PB um núcleo abaixo de TP – AspP – pode também licenciar a elipse de VP, o que não ocorre em PE. No entanto, os dados testados mostram que também em PB a interpretação de sentenças como (2) e (3) não é de elipse de VP (ou é uma leitura bastante degradada), sendo a leitura privilegiada a de objeto nulo indefinido, como temos em (18) e (19):

(18) Ela está lendo os livros para as crianças, mas ele não está lendo[-]

- a. [-]= livros para as crianças
- b. [-]= **nada**

(19) O carro foi atribuído à Maria, mas os outros prêmios não foram atribuídos [-].

- a. [-]= à Maria
- b. [-]= **a ninguém.**

Em (18), 75% dos falantes interpretam a elipse como sendo um objeto nulo indefinido (18b), enquanto apenas 20,83% interpretam como elipse de VP (18a); (4,17% não aceitaram nenhuma das interpretações). Já para (19) as preferências foram mais aproximadas, 53,85% privilegiam a interpretação de nulo indefinido (19b), enquanto 42,3% privilegiam a interpretação de elipse de VP (19a); (3,85% não aceitam nenhuma das leituras). Apesar de a diferença de interpretação ficar quase no nível da chance para os dados de auxiliar passivo, nos casos de auxiliar progressivo a preferência é pela interpretação de nulo indefinido.

⁵ Estou supondo que o núcleo de AspP hospeda tanto as formas perfeitas quanto as formas gerundivas e progressivas.

⁶ Não discutirei aqui qual seria o traço que faria esses verbos se moverem para suas posições à esquerda, pois vai além dos limites desse trabalho. Deixo tal discussão para o trabalho posterior a esse.

O que isso pode nos indicar é que elipse de VP, pelo menos para esses casos, em PB, parece também estar sendo licenciada por TP (ao menos para os dados com auxiliares progressivos, já que com os auxiliares passivos a preferência por (19b) não é categórica), já que nos casos em que apenas o auxiliar é manifesto, a interpretação de VP elidido se mantém nas duas variedades, como vimos acima. Um fato que pode corroborar essa possibilidade é que outras sentenças envolvendo elipse de VP com auxiliares “ser” e “estar” preenchendo TP e deixando AspP vazio são boas em PB, de acordo com os testes, como mostram as sentenças abaixo:

- (20) a. A Maria estava procurando uma casa nova em Campinas e o João também estava [-].
b. Aquele livro é encontrado em todas as livrarias e aquele DVD também é [-].

A aceitação de (20a) ocorre em mais de 90% das vezes e (20b) 73% das vezes.

A previsão que se pode fazer a partir desses dados seria que os contextos em que Asp licencia a elipse de VP em PB parecem ser um pouco mais restritos. Elipse de VP em perífrases verbais envolvendo casos com auxiliares prototípicos como “ser” e “estar” são licenciadas, assim como em PE, por TP. As diferenças estariam em casos de elipse de VP em perífrases com auxiliares como “vir”, “ter”, “andar”, que veremos a seguir.

Em relação aos casos de auxiliares perfeito, as preferências de aceitação das sentenças são pequenas quando apenas T é lexicalmente realizado (as sentenças ficam degradadas) – o que preveria que nesses casos T não pode licenciar a elipse de VP:

- (21) ???O João tem comprado calças no Brás e a Maria também tem [-]

Já quando o núcleo abaixo de T – supostamente Asp, conforme a estrutura (17) acima – é preenchido, as sentenças são mais aceitáveis para os falantes:

- (22) ?/√ O João tem comprado calças no Brás e a Maria também tem comprado [-]

Voltando aos dados de C&M e Cyrino sobre o auxiliar perfeito (casos (21) e (22)), observa-se que não encontrei exatamente a mesma descrição feita por elas para o PB – para elas, a interpretação de elipse de VP em PB e PE, envolvendo o auxiliar perfeito, é possível tanto quando apenas o auxiliar é manifesto quanto quando os dois verbos estão manifestos. O julgamento dos dados mostrou que, em PB, quando apenas o auxiliar é manifesto (ou seja, quando apenas T é lexicalizado) a sentença é degradada, enquanto que quando também Asp é lexicalizado a sentença fica bastante melhor (como vimos em (21) vs. (22)).

Além disso, testei a interpretação dada à lacuna quando o auxiliar perfeito e o verbo principal estão manifestos e o resultado é que os brasileiros interpretam tal lacuna

como elipse de VP, diferentemente de quando essa mesma situação envolve os auxiliares passivo e progressivo, indicando que, quando essas seqüências verbais estão em jogo, PE e PB só se diferenciam quando temos casos como (21) envolvendo auxiliar perfeito (com verbo principal omitido).

Além do auxiliar “ter”, testei outros dois auxiliares para capturar a interpretação de elipse de VP em PB: verbos “andar” e “vir” funcionando como auxiliares. Quando esses dois outros auxiliares são testados, as preferências quando apenas T é lexicalizado e quando, além de T, Asp também é lexicalizado são as mesmas capturadas para os casos com “ter” auxiliar (dados em (23) vs. (24)):

(23) a. ???A Maria andou comprando calças e o Pedro também andou[-]

b. ???A Maria vem comprando calças com freqüência e eu também venho [-]

(24) a. ?/√ A Maria andou comprando calças com freqüência e o Pedro também andou comprando [-]

b. ?/√ A Maria vem comprando calças com freqüência e eu também venho comprando [-]

O que pode ser sugerido desses resultados é que, se nos casos discutidos acima (com auxiliares “ser” e “estar”) não encontramos indícios fortes, ao contrário do que apontaram C&M e Cyrino, de que Asp está licenciando elipse de VP em PB, os casos discutidos em (21) vs. (22) e (23) vs. (24) podem nos dizer alguma coisa, já que as sentenças em que apenas T⁰ é lexicalizado são bastante piores em relação àquelas em que, além de T⁰, Asp⁰ também é lexicalizado.

Uma proposta para a explicação desses dados em termos de lexicalização (realização fonológica) de posições funcionais (TP e AspP) será dada na seção 4. Por hora gostaria de chamar atenção para um fato: o fato de a interpretação de elipse de VP, nesses casos, ser degradada quando apenas o verbo auxiliar está presente pode estar ligado a alguma característica dos verbos “ter”, “vir” e “andar”. Talvez a explicação possa estar ser que esses verbos, quando empregados como auxiliares, ainda mantêm alguns resquícios de verbo pleno, como é o caso do verbo “vir”, por exemplo.

Segundo Wachowicz (2006), num processo de gramaticalização que teriam passado alguns verbos até se tornarem auxiliares, o verbo “vir” estaria ainda em processo, guardando alguns traços do verbo pleno. Talvez o fato de que as sentenças são degradadas quando apenas T é lexicalizado pelos auxiliares “andar” e “ter”, além de “vir”, possa estar explicada por esse mesmo fato – “andar” e “ter” ainda guardariam alguns traços de verbo pleno, proposta que precisa ainda de investigação empírica para ganhar força.

Pra finalizar essa seção, gostaria de voltar à discussão sobre a posição do advérbio *também* em elipse de VP com perífrases verbais. C&M e Cyrino, como discutimos acima, apontam que a posição do advérbio *também* é mais um indício de que

em PB, ao contrário de PE, o núcleo aspectual pode licenciar a elipse de VP. Segundo elas, (25b) seria uma opção possível em PB, enquanto degradada em PE:

- (25) a. O João não faz isso antes de a Maria também ter feito.
b. O João não faz isso antes de a Maria ter também feito.
c. O João não faz isso antes de a Maria ter feito também.

No entanto, meus dados mostram divergências em relação à intuição das autoras. As mesmas sentenças discutidas por elas foram testadas em PB. Do conjunto de sentenças (25), quase 87% dos informantes não aceitam a sentença (b) como boa, apenas 3/23 informantes avaliam-na como boa⁷. Ao contrário, as sentenças em (25a) e (25c) tiveram uma aceitação de mais de 80%. O que parece, então, é que a colocação do *também* como indício de que o licenciamento de elipse de VP em PB e PE é feito por núcleos diferentes não nos diz muita coisa, já que nas duas variedades, quando o advérbio quebra o complexo verbal, a leitura de elipse de VP fica prejudicada.

2.2. Merchant (2001)

Merchant (2001), trabalhando com casos de *Sluicing* (apagamento de IP) sugere uma abordagem para as condições de licenciamento da elipse em termos de checagem de traços em uma relação núcleo a núcleo. Existe um traço E que pode ser checado apenas contra um núcleo específico, que ativaria o apagamento em PF⁸, tal traço é também o responsável pela identificação e licenciamento da elipse.

A semântica de E diz que este é um traço que impõe a Condição de Foco. Tal condição diz que um IP pode ser apagado somente se ele for *e-given*. A noção de *e-GIVENness* é também, segundo Merchant, importante para definir os contextos de elipse de VP. Merchant (*op.cit.*:26) defini *e-GIVENness* como temos abaixo:

(26) e-GIVENness

An expression E counts as e-GIVEN iff E has a salient antecedent A and, modulo \square -type shifting⁹,

- (i) A entails F-clo(E), and¹⁰
(ii) E entails F-clo(A)¹¹

⁷ Alguns informantes, como Cilene Rodrigues (c.p), avaliaram a sentença (25b) como agramatical.

⁸ Do inglês *Phonetic Form*.

⁹ O que se traduz aproximadamente em “uma expressão E conta como e-DADA se e somente se E tem um antecedente saliente A e, no módulo existencial de substituição de tipo:” (que seria o local da elipse);

¹⁰ A vincula o limite do foco de E e;

¹¹ E vincula o limite do foco de A.

Esta definição é construída com um acarretamento duplo que contém a noção de *givenness*. No intuito de melhor entender essa proposta de Merchant, atentemos para o que diz Santos (2006: 127): ela afirma que, nos termos de Merchant, uma expressão conta como e-dada (*e-GIVENness*) se:

- i) “o antecedente vincula/acarreta a expressão, as frases marcadas com foco na expressão sendo substituídas por variáveis ligadas existencialmente; E
- ii) a expressão vincula/acarreta o antecedente, as frases marcadas com foco no antecedente sendo substituídas por variáveis ligadas existencialmente”¹².

Sendo assim, a formalização desenvolvida por Merchant para elipse de VP garante que um VP só pode ser apagado se ele é e-DADO¹³, o que temos na condição de foco para elipse de VP dado por Merchant (*op.cit.*: 26) abaixo:

(27) Focus condition on VP-ellipsis

A VP α can be deleted only if α is e-GIVEN

A condição de duplo acarretamento na noção de *e-GIVENness* assegura que em (28) o VP elidido seja [*called Chuck an idiot*] e não [*insult Chuck*]:

(28) Abby called Chuck an idiot after BEN did. (Merchant, 2001: 27)

Santos (*op.cit.*) afirma que “[h]owever, if the deleted VP were [*insult Chuck*], it would not count as e-GIVEN since even though the antecedent ‘[*existe*]x.x called Chuck and idiot’ would entail ‘[*existe*] x.x insult Chuck’, the elided ‘[*existe*]x.x insult Chuck’ would not entail the antecedent ‘[*existe*] x.x called Chuck and idiot’”.

A noção de *e-GIVENness* garante a realização da elipse de VP; o acarretamento duplo nos dois VPs – antecedente e no local da elipse – garante que a elipse de VP possa ocorrer, proporcionando, então, as condições de licenciamento e identificação da elipse de VP. No entanto, se confrontarmos a proposta de Merchant com os dados testados aqui, aparentemente encontramos um problema: como explicamos os casos de degradação na interpretação de elipse de VP no dados em que há esse acarretamento duplo no VP antecedente e no VP elidido?

Esses casos estão em (21) e (23), repetidos aqui em (29):

¹² Tradução minha.

¹³ Ou seja, se ele acarretar seu antecedente e seu antecedente o acarretar.

- (29) a. ???O João tem comprado calças no Brás e a Maria também tem [-]
 b. ???A Maria andou comprando calças e o Pedro também andou[-]
 c. ???A Maria vem comprando calças com frequência e eu também venho [-]

Em oposição aos casos em (22) e (24) repetidos aqui em (30):

- (30) a. ?/√ O João tem comprado calças no Brás e a Maria também tem comprado [-]
 b. ?/√ A Maria andou comprando calças com frequência e o Pedro também andou comprando [-]
 c. ?/√ A Maria vem comprando calças com frequência e eu também venho comprando [-]

Tomemos as sentenças em (29a) e (30a) como exemplo. No caso de (29a) se forçarmos uma interpretação para o vazio ela será [tem comprado calças no Brás] e não [tem ido no Brás], ou seja, o VP elidido acarreta o VP antecedente e vice-versa. O que também ocorre com a lacuna em (30a), que é interpretada como [calças no Brás] e não [calças no shopping], por exemplo.

Sendo assim, a proposta de Merchant parece não dar conta do que ocorre em PB com perífrases verbais. Como mencionamos anteriormente, uma hipótese para a explicação desses dados será esboçada na seção 4.

2.3. Zocca (2003)

Partindo da abordagem minimalista de *Agree* (Chomsky, 1998, 1999) e com base na morfologia distribuída (Halle & Marantz (1993)), Zocca procura explicar a possibilidade de ocorrência da elipse de VP em casos em que não há paralelismo morfossintático entre o VP antecedente e o VP elidido; mais precisamente quando há falta de identidade morfológica entre os dois VPs, como temos em (31):

(31) O João dormiu e a Maria também vai [-]. (Zocca, op.ci.: 59)¹⁴

[-]= dormir

Por extensão, a mesma explicação se aplica aos casos em que há essa identidade morfológica e sintática. Zocca está assumindo uma abordagem não lexicalista que

¹⁴ Apesar de o exemplo não envolver um verbo transitivo direto (casos contemplados nos exemplos aqui discutidos) é o exemplo de partida da autora para discutir a possibilidade de elipse de VP em casos em que não há paralelismo morfossintático entre o VP elidido e o VP antecedente. Uma outra observação que é necessário fazer é que essa é uma sentença estranha (praticamente agramatical) para alguns falantes, o que a descaracterizaria como exemplo de elipse possível em casos sem paralelismo. No entanto, essa é uma questão que discutirei mais adiante.

propõe que os verbos vêm do léxico apenas com raiz e traços abstratos a serem valorados na derivação, valoração essa que ocorre pelo mecanismo de *Agree*. A forma morfológica que realiza os traços abstratos valorados na sintaxe será adicionada somente no componente morfológico da gramática (proposto pela morfologia distribuída), no caminho para PF, depois que a derivação é mandada para as interfaces. Sendo assim, há um momento em que há identidade estrita entre o VP antecedente e o VP elidido, como temos em (32):

- (32) [TP o João [vP [VP dorm- + afixos] e [TP a Maria também vai [vP[VP dorm- + afixos]]]]¹⁵

A identidade estrita entre o VP antecedente e o VP elidido na sintaxe é o que licenciaria a elipse de VP e é o que possibilitaria a ocorrência de elipse de VP também em casos em que não há isomorfismo entre os VPs, caso de (32).

No entanto, essa proposta de Zocca apresenta problemas em face os dados discutidos aqui e também diante de dados que a autora discute como sendo possíveis, mas que a avaliação de alguns falantes mostrou que não o são. Os exemplos em (33) são dados pela autora como casos possíveis de elipse de VP quando não temos paralelismo morfossintático, mas foram avaliados por alguns falantes consultados como muito ruim ou agramatical:

- (33) a. */??João dormiu e a Maria também vai [-]
b. ??/*Eu sei que livro a Maria vai ler e o Pedro sabe que livro o João vai [-].

Além dessas, testamos mais algumas sentenças que foram igualmente avaliadas como ruim, são os casos de (34):

- (34) a. * O João comeu uma maçã, mas a Maria não vai [-]
b. * A Maria tinha pagado todas as taxas referentes ao seu imóvel, mas as taxas referentes ao seu carro ela não tem [-].

Aparte esses casos, que parecem se apresentar como contra-exemplos aos da autora, temos a oposição entre as sentenças em (29) e (30) acima, em que temos paralelismo morfossintático entre o VP antecedente e o VP no local da elipse, o que licenciaria a elipse de VP em ambos os casos, no entanto nos casos em (29) a interpretação de elipse de VP é degradada em relação a (30). O que temos que explicar, então, é por que nos casos em (29) temos degradação das sentenças (para interpretação de elipse de VP) e nos casos em (30) essa interpretação é capturada pelos falantes?

¹⁵ Zocca (2003:70)

Se num momento antes do componente morfológico, ou seja, durante a derivação sintática, os verbos são idênticos no VP antecedente e no VP elidido, por que teríamos essa degradação nas sentenças em que apenas o auxiliar está presente em PF?

3. A proposta

Nessa seção, o que procuro apresentar é uma resposta (ou pelo menos o caminho para ela) às perguntas que ficaram por responder na seção anterior. A questão que quero responder é por que temos contrastes de aceitabilidade entre as sentenças em (35) e (36) abaixo:

- (35) a. ???O João tem comprado calças no Brás e a Maria também tem [-]
 b. ???A Maria andou comprando calças e o Pedro também andou[-]
 c. ???A Maria vem comprando calças com freqüência e eu também venho [-]
- (36) a. ?/√ O João tem comprado calças no Brás e a Maria também tem comprado [-]
 b. ?/√ A Maria andou comprando calças com freqüência e o Pedro também andou comprando [-]
 c. ?/√ A Maria vem comprando calças com freqüência e eu também venho comprando [-]

A essa altura precisamos lembrar a estrutura da qual estou partindo para as análises feitas na seção anterior, que é aquela que temos em (17) repetida aqui em (37):

- (37) [CP[TP V_{auxj} [VP_{aux} t_j [AspP (PerpP/GerP/ProgP) V_i [VP t_i]]]]]

A proposta a ser delineada aqui está baseada no que Cyrino & Matos (2007) definem como sendo a configuração estrutural que licencia a elipse de VP nas línguas, que é o que temos em (38):

- (38) “A elipse de VP é licenciada sob c-comando imediato do núcleo funcional lexicalmente realizado com traços-v que se combina (“merge”) com o predicado verbal elíptico”. (C&M, *op.cit.*: 200)

Supondo que AspP tenha traços-v e que o licenciamento da elipse de VP se dá com a realização do núcleo funcional com traços-v que se conecta (“merge”) como o VP elíptico, sugiro que a elipse de VP, em perífrases verbais do tipo discutidas acima com os auxiliares “vir”, “ter” e “andar”, é licenciada em PB quando além de T, Asp também está lexicalmente preenchido. Sendo assim, falantes do PB não aceitam ou consideram

degradadas sentenças com elipse de VP em que apenas o verbo auxiliar licencia a elipse, pois o licenciamento é feito apenas na presença dos verbos auxiliar e principal (pleno).

Encontramos motivação para essa hipótese na idéia de que esses auxiliares (que não “ser” e “estar”) ainda parecem manter sua característica de verbo pleno, como argumenta Wachowicz (2006) para “vir”. Analisemos a sentença (39), indicada como degradada para a interpretação de elipse de VP:

(39) ??? João anda comendo muito macarrão e eu também ando [-]

Muitos de meus informantes me explicaram que, na segunda sentença, a interpretação que se dá é do verbo “andar” funcionando em seu sentido literal (intransitivo), por isso fica difícil capturar a interpretação como elipse de VP. Talvez esse possa ser um indício na direção de explicar a necessidade da realização de AspP, nesses casos; há a necessidade do segundo verbo da perífrase para que o verbo agindo como auxiliar na primeira sentença não retome seu estatuto de verbo pleno na segunda sentença e impossibilite (ou dificulte) a interpretação da elipse de VP.

No entanto, mesmo que minha proposta esteja na direção certa, tenho pelo menos um outro problema a resolver. Tanto nos casos em que se supõe que elipse de VP é apagamento do VP elidido em PF¹⁶, portanto uma anáfora superficial¹⁷, quanto nos casos em que é uma anáfora profunda¹⁸, uma proforma nula inserida na sintaxe que é reconstruída em LF¹⁹, ficaria devendo uma explicação de porque os casos em que AspP (além de TP) é lexicalizado, em detrimento daqueles em que apenas TP o é, se em ambos os casos toda a estrutura (via reconstrução ou numa abordagem sem apagamento na sintaxe) estaria disponível para a interpretação.

Como se vê, a hipótese aqui proposta não passa de um esboço que ainda precisa ser minuciosamente trabalhado a fim de que se proponha a ser uma hipótese forte para explicar os dados aqui discutidos. Tal trabalho minucioso dará seqüência a essa investigação.

4. Conclusão

Esse trabalho mostrou que há algumas questões em torno do fenômeno da elipse de VP em PB, especialmente nos casos com perífrases verbais, e que precisam ser investigadas com mais afinco para que possamos chegar a uma explicação para tal fenômeno. São necessários, para isso, novos testes que corroborem ou que refutem minha hipótese. Além disso, é necessário que se tenha uma explicação que procure dar conta do maior número de línguas possíveis, o que consolidaria a hipótese.

¹⁶ Chomsky & Lasnik (1995), Merchant (2001), Zocca (2003), entre outros.

¹⁷ A diferença entre anáfora profunda e anáfora superficial é baseada em Hankamer & Sag (1976).

¹⁸ Lobeck (1999), por exemplo.

¹⁹ Do inglês *Logical Form*.

5. Referências bibliográficas

CYRINO, S.M.L.; MATOS, G. VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In: *Journal of Portuguese Linguistics*, 1:2, 2002. p. 177 – 195.

CYRINO, S. M. L. Algumas questões sobre a elipse de VP e o objeto nulo em PB e PE. In: Guedes, M; Berlinck, R. de A.; Murakawa, C. de A. A. (org) *Teoria e análise Lingüísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 53 – 79.

CHOMSKY, N. *Minimalist Inquiries: the framework*. MITOPL, 15, 1998

_____. *Derivation by phrase*. MITOPL, 18, 1999

CHOMSKY, N; LASNIK, H. Principles and Parameters Theory. In.: CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

GONÇALVES, A.; CYRINO, S.M.L. *Restructuring and Elipsis*. In.: *Going Romance*. Amsterdam, 2007.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In.: HALE, K.; KEYSER, S.J (eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993. p. 111–76.

HANKAMER, J; SAG,S. Deep and Surface Anaphora. *Linguistic Inquiry*. v. 7. n.3: 1976. p. 391 – 426.

LOBECK, Anne. VP ellipsis and the Minimalist Program: Some speculations and proposals. In: Benmamoun, E; Lappin, S. (eds.) *Fragments: Studies in Ellipsis and Gapping*. Oxford University Press: New York, 1999. p. 98 – 123.

MERCHANT, J. *The Syntax of the Silence: Sluicing, islands, and the Theory of ellipsis*. Oxford University Press: New York, 2001.

SANTOS, A. L. *Minimal Answers: Ellipsis, Syntax and Discourse in the Acquisition of European Portuguese*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa, 2006.

ZOCCA, Cynthia Levart. *O que não está lá: um estudo sobre morfologia flexional em elipses*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2003.

WACHOWICZ, T. C. O Aspecto do auxiliar. In.: *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 14. n. 2. jul/dez. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 55 -75.